FLÓRULA DE UM TRECHO DE VEGETAÇÃO DA MARGEM DIREITA DO RIO BAÍA, BATAYPORÃ, MS

Maria Eduarda Vicentim Dalbianco (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Gabriel Gasparini Steffen Couto, Carlos Eduardo Bento Fernandes, Jéssica Magon Garcia, Kazue Kawakita, Mariza Barion Romagnolo (Orientadora). E-mail: mbromagnolo@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Biológicas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Biológicas / Botânica

Palavras-chave: Floresta Estacional Semidecidual; Levantamento florístico; Vegetação ripária.

RESUMO

O rio Baía, um dos principais afluentes do rio Paraná, está inserido na Área de Proteção Ambiental das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná (APA - IVRP). Objetivando realizar um levantamento florístico localizado em um terraço fluvial na margem direita do rio Baía, Batayporã (MS) (22° 42' 5,17" S; 53° 16' 48,39" W), inserido na fitofisionomia de Floresta Estacional Semidecidual, formação submontana, foram realizadas duas coletas no ano de 2025, além da análise de materiais coletados entre os anos de 1992 e 2012 acervados no HNUP. Posteriormente, foi elaborada uma lista das espécies, sendo elas classificadas quanto ao hábito, origem, *status* de ameaça, categoria sucessional e síndrome de dispersão. Foram registradas 199 espécies, sendo Fabaceae, Myrtaceae, Rubiaceae e Solanaceae as famílias mais diversas. A forma de vida predominante foi arbórea (34,1%). Do total, 195 espécies foram consideradas nativas e quatro exóticas. Quanto ao *status* de conservação, duas espécies foram classificadas como Em Perigo e duas como Quase Ameaçada. Entre as espécies arbóreas, as não pioneiras (86,7%) se destacaram em relação às pioneiras (13,2%). Quanto às síndromes de dispersão, a zoocoria foi predominante em relação à anemocoria e à autocoria. Os resultados alcançados neste estudo oferecem uma contribuição significativa para o entendimento da flora existente entorno da Planície de Inundação do Alto Rio Paraná (PIAP), além de investigar áreas de terraços fluviais e auxiliar na formulação de estratégias de conservação de ecossistemas e espécies ameaçadas.

INTRODUÇÃO

Um dos principais afluentes que integram o Alto Rio Paraná é o rio Baía, um importante afluente situado em sua margem direita, no estado de Mato Grosso do Sul. Souza-Filho e Stevaux (1997), dividiram o Alto Rio Paraná em três compartimentos geomorfológicos, sendo um deles o compartimento rio Baía, que é caracterizado por terraços de média e baixa altitude, além de áreas de planície

fluvial. Essas diferentes unidades geomorfológicas constituem registros da evolução do sistema fluvial.

Os processos de erosão e deposição de sedimentos estão diretamente relacionados à formação de terraços fluviais, os quais correspondem a antigas planícies de inundação que, em função da incisão do canal fluvial, passam a se situar acima do leito atual do rio, deixando de ser periodicamente inundados (Christofoletti, 1981). A posição topográfica e a menor frequência de inundações podem influenciar no estabelecimento e na composição da vegetação local.

Embora a flora do Alto Rio Paraná venha sendo estudada há pelo menos duas décadas, constituindo uma importante base de conhecimento sobre a biodiversidade vegetal do território, levantamentos florísticos específicos realizados em terraços fluviais da região ainda são escassos, evidenciando a necessidade de estudos mais detalhados nessas áreas. Assim, o presente estudo teve por objetivo realizar o levantamento florístico de um remanescente florestal localizado em um terraço fluvial, na margem direita do rio Baía, em Batayporã, MS.

MATERIAIS E MÉTODOS

Caracterização da área de estudo

O trabalho foi realizado na margem direita do rio Baía, em um remanescente florestal próximo à Fazenda Unidas, localizada sobre um terraço fluvial baixo, em Batayporã, MS (22° 42' 5,17" S; 53° 16' 48,39" W). O local está inserido no bioma Mata Atlântica, na fitofisionomia de Floresta Estacional Semidecidual, formação Submontana, com clima subtropical úmido e precipitação média anual entre 1.500 e 1.650 mm.

O local apresenta fisionomia florestal típica, com acúmulo de serrapilheira sobre o solo seco. Para o estrato superior, observa-se a presença de árvores com altura entre 10 e 12 m, contribuindo para a formação de um dossel contínuo e sombreado. Já para os estratos inferiores, há ocorrência de arbustos, subarbustos, espécies herbáceas e lianas.

Coleta de dados

Foram realizadas duas coletas nos meses de janeiro e setembro de 2025, no âmbito do Programa Ecológico de Longa Duração (PELD). As coletas foram realizadas seguindo o método de busca ativa priorizando indivíduos em estágio reprodutivo. Posteriormente o material coletado foi herborizado e acervado no Herbário do Nupélia (HNUP). Foram incluídos, neste trabalho, materiais botânicos coletados entre os anos de 1992 à 2012, associados ao PELD e outros projetos desenvolvidos pela equipe do Laboratório de Vegetação Ripária da UEM, sendo o material igualmente acervados ao HNUP. Com base nos resultados, foi organizada uma tabela em ordem alfabética por família, gênero, espécie, forma de vida, origem geográfica, status de conservação, categoria sucessional das espécies arbóreas, síndrome de dispersão e número de registro no HNUP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisadas 526 exsicatas, distribuídas em 61 famílias, 144 gêneros e 199 espécies. A riqueza registrada no remanescente foi superior à observada na Mata do Araldo, estudada por Souza e Monteiro (2005), onde foram registradas 165 espécies, também em área de Floresta Estacional Semidecidual Submontana. Fabaceae apresentou a maior riqueza, com 31 espécies, seguida por Myrtaceae (18 spp.), Rubiaceae (11 spp.) e Solanaceae (10 spp.). A elevada representatividade de Fabaceae, Myrtaceae e Rubiaceae também é relatada em outros levantamentos realizados em áreas de FES Submontana de diferentes estados (Silva *et al.*, 2003; Couto; Funch; Conceição, 2011).

Entre as 199 espécies registradas, 68 (34,1%) apresentaram hábito arbóreo, 67 (33,6%) arbustivo, 34 (17%) herbáceo, 22 (11%) foram classificadas como lianas, sete (3,5%) como subarbustos e uma (0,5%) como palmeira. Dentre as espécies arbóreas, 86,7% (59 spp.) foram classificadas como não pioneiras e 13,2% (9 spp.) como pioneiras. Esse padrão pode estar associado às características do ambiente estudado, que corresponde a um terraço fluvial sujeito a menor influência das inundações, viabilizando a presença de formações florestais com menor número de espécies herbáceas.

Quanto à origem geográfica, 195 espécies foram consideradas nativas e quatro exóticas, sendo elas: *Crotalaria pallida*, *Petiveria alliacea*, *Rivina humilis* e *Syzygium cumini*. A elevada proporção de espécies nativas, mesmo em uma área fragmentada por atividades antrópicas, pode indicar uma condição favorável de conservação da vegetação.

O levantamento também evidenciou a presença de espécies com diferentes níveis de ameaça à conservação. Em escala internacional, duas espécies foram classificadas como Em Perigo (*Aspidosperma polyneuron* e *Myrcianthes pungens*), uma como Vulnerável (*Ocotea catharinensis*), uma como Quase Ameaçada (*Pterogyne nitens*) e uma como Dados Insuficientes (*Actinostemon concepcionis*). Entre as demais espécies, 95 foram enquadradas como Pouco Preocupantes e 99 como Não Avaliadas. Para o nível nacional, foram classificadas como Vulnerável as espécies: *Apuleia leiocarpa* e *Ocotea catharinensis*, sendo a *Randia hebecarpa* classificada como Em Perigo. O elevado número de espécies ainda não avaliadas quanto ao seu status de conservação evidencia uma lacuna de conhecimento sobre a biodiversidade e reforça a necessidade de estudos complementares.

A zoocoria foi a síndrome de dispersão mais frequente, registrada em 111 espécies (55,7%), seguida pela autocoria, com 46 espécies (23,1%), e pela anemocoria, com 42 espécies (21%). A predominância da dispersão por animais reforça a relação entre a vegetação e a fauna, sendo um padrão esperado para florestas tropicais (Howe; Smallwood, 1982).

CONCLUSÕES

A inclusão de diferentes formas de vida, além das arbóreas, possibilitou uma compreensão maior da composição da vegetação local. Entretanto, novas coletas

são necessárias, especialmente devido ao baixo número registrado de espécies herbáceas, lianas, subarbustos e palmeiras, que podem ter sido subamostradas pela ausência de material reprodutivo durante as coletas. Mesmo rodeada por ações antrópicas, a área estudada pode apresentar informações ecológicas valiosas, especialmente por ainda abrigar vegetação composta por espécies nativas. Assim, os resultados obtidos no presente estudo contribuem para ampliar o conhecimento sobre a flora presente em terraços fluviais, além de auxiliar na formulação de estratégias de conservação de ecossistemas. Destaca-se, ainda, a necessidade de estudos quantitativos complementares sobre a vegetação, a fim de aprofundar a compreensão da dinâmica do remanescente estudado, bem como uma análise de solo.

AGRADECIMENTOS

Ao Nupélia / UEM, pelo apoio logístico, ao CNPq / PELD, pelo apoio financeiro e ao CNPq pela Bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

COUTO, A. P. L.; FUNCH, L. S.; CONCEIÇÃO, A. A. Composição florística e fisionomia de floresta estacional semidecídua submontana na Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. **Rodriguésia**, v. 62, n. 2, p. 391-405, 2011.

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia fluvial**. 1. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 1981.

HOWE, H. F.; SMALLWOOD, J. Ecology of seed dispersal. **Annual review of ecology and systematics**, v. 13, p. 201-228, 1982.

SILVA, A. F. et al. Composição florística e grupos ecológicos das espécies de um trecho de floresta semidecídua submontana da Fazenda São Geraldo, Viçosa-MG. **Revista Árvore**, v. 27, n. 3, p. 311-319, 2003.

SOUZA, M. C.; MONTEIRO, R. Levantamento florístico em remanescente de floresta ripária no alto rio Paraná: Mata do Araldo, Porto Rico, Paraná, Brasil. **Acta Scientiarum. Biological Sciences**, v. vol. 27, n. no. 4, 26 mar. 2005.

SOUZA-FILHO E. E.; STEVAUX J. C. Geologia e geomorfologia do complexo rio Baía, Curutuba e Ivinheima. *In*: Vazzoler, A. E. A. M.; Agostinho, A. A.; Hahn, N. S. **A Planície de Inundação do Alto Rio Paraná: aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos**. Maringá, 1997, p 3-46.